

CORPOS VESTIDOS NA REIVINDICAÇÃO POLÍTICA DO “BIQUINAÇO” NA PRAINHA DA PUC-SP

DRESSED BODIES IN THE POLITICAL CLAIM OF THE “BIQUINAÇO” ON THE PRAINHA OF PUC-SP

Oliveira, Ana Claudia de, Pós-Doutora Profa Dra Titular, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, anaclaudiamei@hotmail.com¹

Fabbris, Renata A., Mestranda; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PPG em Comunicação e Semiótica, refabbris08@gmail.com²

Centro de Pesquisa em Sociosemiótica – CPS

Resumo: A manifestação conhecida como “Biquinaço” ganhou destaque nas mídias do país ao apresentar a figuratividade dos corpos vestidos em protesto por meio de vestimentas usadas na performance em ambiência praiana, que se deu em um dia comum de aulas no *campus* principal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e que fez entrever os sentidos reivindicatórios do modo de vestir. O ato de ruptura é **abordado** pela semiótica discursiva na vertente da sociosemiótica com análise da expressão na abordagem do regime de visibilidade das configurações dos corpos vestidos em ação política.

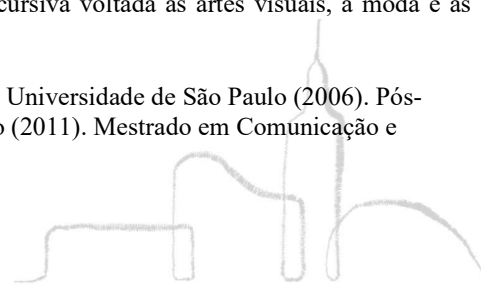
Palavras chave: Sociosemiótica; PUC-SP; Biquinaço; Corpo-vestido; Ação política.

Abstract: The rally known as “Biquinaço” gained prominence in the country’s media by presenting the figurativeness of bodies dressed in protest through clothing used in the performance in a beach setting, which took place on a common day of classes on the main campus of the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, and which made us glimpse the sense for claim dressing ways. The statement of rupture is studied by the theory of sociosemiotics with the analysis of expression in the approach of regime of visibility of the configurations of bodies dressed in political action.

Keywords: Sociosemiotics; PUC-SP; Biquinaço; Political action; Dressed-body.

¹ Graduação em Língua e Literatura Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1975) e em Publicidade e Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (1976). Mestrado (1983) e Doutorado (1989) pela PUC-SP-PPG em Comunicação e Semiótica, onde atua, desde 1990, como Professora Titular no âmbito da semiótica discursiva voltada às artes visuais, à moda e às práticas da vida.

² Graduação em Arquitetura e Urbanismo com dupla graduação em Engenharia Civil pela Universidade de São Paulo (2006). Pós-Graduação em Gestão de Projetos pela Fundação Vanzolini na Universidade de São Paulo (2011). Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica em andamento.



Introdução

Conhecida como uma das Universidades mais proeminentes do país pela sua qualidade de ensino, produção de conhecimento e posicionamento político, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) conta com uma circulação de aproximadamente 15.000 pessoas todos os dias nos períodos de atividades acadêmicas. Dentro das práticas de vida universitária é comum a realização de manifestações e reivindicações enquanto exercício político democrático.

Em março de 2024 presenciamos uma manifestação dos alunos da PUC-SP em reivindicação à instalação de equipamentos de ar-condicionado nas salas de seus cursos de graduação. O evento foi imediatamente midiaticamente pelos principais meios de comunicação locais como G1, UOL News e SBT News, entre outros, reforçando a questão climática de extremo calor vivenciado na cidade de São Paulo neste último verão com temperaturas que ultrapassaram 40 graus na selva de pedras e cimento, materialidades que intensificam ainda mais a sensação térmica. O que deu grande holofote para o evento ser propagado midiaticamente foi a figuratividade do modo de vestir e performar dos manifestantes em trajes de banho ao simularem um banho de sol na principal via de circulação interna do *campus* central no Bairro das Perdizes, em São Paulo. A ação inusitada interrompeu a programação de atividades acadêmicas normais, o que contribuiu para o ato ser denominado de “Biquinaço”.

Preparado na lógica da manipulação, o evento foi guiado por uma intencionalidade, um fazer fazer que se utilizou de mecanismos de provocação no apelo estético das vestimentas com alunos que transgrediram o modo convencional do trajar universitário e colocaram biquínis, bermudas, e até mesmo toucas e óculos de natação, como se estivessem tomando sol na praia. Essas escolhas vestimentares carregaram o ato reivindicatório de irreverência e ironia em tom provocativo o que aumentou a sua difusão e considerações reflexivas sobre a mudança climática e os modos de vestir-se com adequação às circunstâncias sociais.

Dado esse contexto, analisa-se o impacto da apreensão sensível desta experiência vivida, em que a figuratividade dos trajes de banhos **em** roupas minimais faz entrever um novo sentido que se irradia dessa zona de alta circulação por toda Universidade e além dela. Movidos pela apropriação desse tipo de vestimenta no alto verão citadino, cria-se uma fratura, uma descontinuidade, na instauração de uma cena inesperada em que os corpos de quem foi a universidade para estar atento nas salas de aula, languidamente expõem-se ao sol e deixam-se contemplar nas poses de relaxamento junto ao mar. No âmbito do inteligível, o método semiótico do percurso gerativo de sentido (PGS) traz uma análise detalhada no Nível Discursivo em termos da enunciação, da

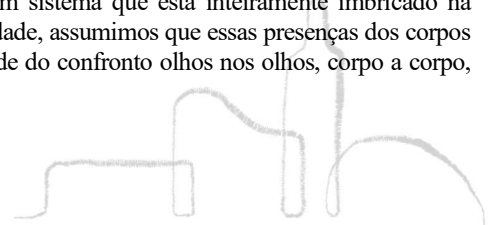
aspectualização e da seleção do tema, figuras e da concretização plástica, rítmica e estética do plano da expressão; no Nível Narrativo, num entendimento dos papéis actanciais e da sintaxe relacional entre os sujeitos, das lógicas dos regimes de interação, sentido e risco implicados e como esses se encadeiam, há um semantizar das afetações que produzem estados de alma e de ânimo que desembocam no Nível Fundamental na axiologia de valores emanadas da busca de conhecimento em condições adequadas para a aprendizagem. Os corpos vestidos do biquinção rompem com os modos de vestir programados e manipulados para estar no ambiente universitário e, no entrecruzar dos prédios, sediam o clima reivindicatório de medidas urgentes para a prática adequada e eficiente dos estudos nas salas de aula, dadas as altas temperaturas.

Com o escopo teórico e metodológico da semiótica de Greimas, da sociosemiótica de Landowski e o detalhamento das qualidades sensíveis da ambientação e das vestimentas de Oliveira, objetivamos analisar como o biquinção configura uma ação política dos corpos vestidos para fazer ver as condições estruturais das salas de aula e as melhorias conclamadas pelos estudantes.

1. Corpos vestidos enquanto manifesto político

O vestir remete às relações que os sujeitos mantêm consigo próprios no estabelecimento das suas identidades e, por conseguinte, com relação aos outros, seja em forma de semelhança ou de alteridade. A configuração escolhida pelos alunos da PUC-SP no ato de reivindicação de salas de aula climatizadas condizentes às atuais temperaturas foi entre tantas possibilidades um sintagma de vestir-se à beira mar e não para estar no ambiente de ensino universitário paulistano o que constitui uma escolha marcada por uma dimensão política adotada pelo sujeito. Havendo um sujeito coletivo entendido como Nós, um grupo de referência que dita normativas, formam-se estereótipos que se reforçam pelo repetido uso, diferenciando-se dos Outros a ponto de as distinções percebidas tornarem-se significantes. Não somente no corpo vestido, mas também pelo movimento e cinetismo da relação do corpo com a vestimenta, se dão as visibilidades e as formas de presença realizando uma espécie de troca onde um potencializa o outro, para performar um fazer em presença como apresenta Oliveira (2009, p.60):

“A expressão do corpo e da roupa dá-se pelo movimento, o cinetismo, uma de suas características particulares que muito tem nos interessado pela importância que desempenham em nossa cultura as várias interações entre os corpos moventes, em especial, aquelas em que a roupa vestindo o corpo (seria também o corpo vestindo a roupa) instauram as presenças do eu a si mesmo, a outros, ao mundo, às coisas que constituem tanto a(s) visibilidade(s) de um quanto a(s) dos outro(s). Por montar em sua sintaxe um sistema que está inteiramente imbricado na contemporaneidade com os regimes de subjetividade e de identidade, assumimos que essas presenças dos corpos vestidos são um dos modos possíveis de flagrar na imediaticidade do confronto olhos nos olhos, corpo a corpo, a(s) alteridade(s).”



Sendo o corpo vestido e a sua cinética um enunciado produzido por uma enunciação, quando eles atuam no contexto das relações sociais eles produzem sentidos. A moda, ditada por um Nós coletivo dentro de um contexto político, econômico e social, é usada pelo sujeito que afirma sua identidade utilizando-se do vestir na ordem das propostas apresentadas por esse grupo dominante, seja pelo prazer de pertencimento, seja pelo lúdico, pela simulação ou mesmo pela transgressão, com fins de mascarar ou revelar sua identidade no âmbito das relações sociais. Como coloca Landowski (2019, p.96):

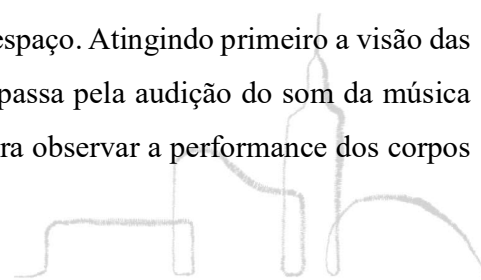
“...as formas que a moda (como fenômeno geral) articula diferencialmente (diversificando-se na proporção da variedade dos segmentos do público que ela toca) agem, pelo menos em teoria, tanto como máscaras, quanto como reveladores: elas servem o mais das vezes para dizer as identidades, elas podem, por outro lado, se transformar a cada instante em meios de as travestir ou de as simular. Convite ao prazer do travestimento, a moda aparece, sobretudo, ou em primeiro lugar, como da ordem do lúdico, pretexto da simulação...”

Essa dinâmica entre roupa e corpo constrói modos de uso e inter-relações entre sujeitos e grupos sociais constituindo o vestir-se como um ato político o que configura sentidos e significações através de discursos e narratividades com suas axiologias numa sintaxe interativa com outros sujeitos, podendo um agir sobre o outro na lógica da junção, ou um agir conforme as regulações dos códigos na lógica da operação, ou agir com o outro na lógica da união, ou agir na imprevisibilidade do acaso, na lógica do acidente.

2. O “Biquinaço”

Apropriando-se do direito de manifestação, devido às altíssimas temperaturas atingidas no verão do início de 2024, onde a maior parte das salas de aula do *campus* em questão não contam com climatização, um grupo de alunos se organizou para reivindicar melhorias na infraestrutura. Sendo a PUC-SP uma Universidade conhecida pelas práticas de reivindicações políticas, a princípio esta manifestação seria mais uma entre outras recorrentes onde se discutem situações das práticas universitárias institucionais. Todavia, o protesto contou com o apelo da expressão plástica e estética de corpos vestidos simulando uma situação de estar na praia em meio à principal via de circulação da Universidade e, na lógica da intencionalidade, rompem com os padrões do vestir usual, performando como se estivessem defronte ao mar, trazendo uma experiência vivida de descontinuidade e ruptura, gerando um novo sentido e significação.

A apreensão sensível impacta imediatamente os frequentadores do espaço. Atingindo primeiro a visão das pessoas que estão circulando e passam a ver um aglomerado de pessoas, passa pela audição do som da música alta e microfonia, voltando-se novamente para a visão, ao se aproximar para observar a performance dos corpos



semideitados lado a lado nas escadarias de circulação, com vestimentas coloridas de praia e itens de natação, se abanando com leques, que é reforçado pela apreensão tátil sentida na alta temperatura e com o corpo todo afetado que acompanha o que sente. Há uma suspensão no tempo e no espaço, e o sujeito é remetido a uma situação de praia em meio ao alto calor.

Figura 1: Foto dos manifestantes em protesto.

Os alunos trajam roupas de banho, as mulheres com biquínis coloridos, os rapazes sem camisa com shorts, alguns portam toucas e óculos de natação, outros óculos de sol. A maioria tem os pés descalços com chinelos ao lado e se acomodam nas escadas, em posição usual de tomar sol na praia.



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/03/20/estudantes-da-puc-sp-fazem-biquinaco-contrafalta-de-ar-condicionado-nas-salas-de-aula.ghtml>. Acessado em 20/08/2024.

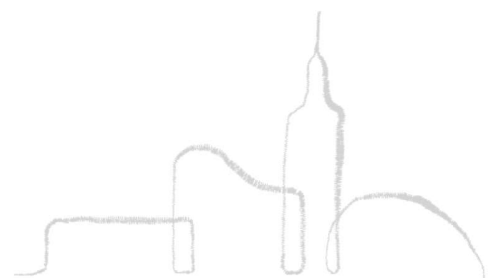


Figura 2: Vista em perspectiva dos alunos manifestantes. Nota-se as peles expostas ao sol e a uniformidade no modo de vestimenta e mesmo posicionamento dos corpos que performam na manifestação. A utilização das escadas e da circulação como espaço de tomar sol atrapalha a passagem dentro do campus da principal via de circulação interna. Ao fundo, observa-se a caixa de som.



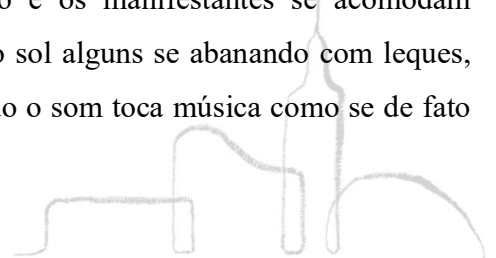
Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/03/20/estudantes-da-puc-sp-fazem-biquinaco-contra-falta-de-ar-condicionado-nas-salas-de-aula.ghtml>. Acessado em 20/08/2024.

No nível discursivo, instaurado sobre o regime da visibilidade, os destinatores manifestantes têm como tema uma reivindicação política para climatização das salas de aula devido às altas temperaturas presentes no início deste ano. Pelo incomodo modo de estar em ambientes sem ar condicionado que não apresentam adequadas condições para o andamento das aulas e até as prejudicam, os discentes buscaram difundir essas condições a um maior número de destinatários a fim desses verem, ouvirem e compreenderem o que estava sendo reivindicado, uma vez que por outras vias não foram atendidos. A questão do destinatador aluno se colocar em um lugar possível de suportar as condições climáticas das salas é feita de modo a atingir vários segmentos da universidade e com humor os faz sentir a insustentabilidade da situação. Utilizam da construção de um enunciado sincrético com equipamentos de som com alto-falantes para as palavras entoadas atingirem outros espaços, placas com frases de impacto ou faixas reivindicatórias para situar os que passam e param em busca de saber o que acontece. Esse aparato articulado em um todo uno objetiva um “*não poder não ser visto*”, no qual o que mais chamou a atenção para a manifestação sem dúvida centra-se na plasticidade ousada dos corpos vestidos. Um objeto de culto em nossa sociedade que tem nos corpos seminus nas praias um objeto de valor do verão é instalado no espaço da prainha a centralidade da vida acadêmica puquiana em que os agitos da entrada e saída de aula, dos recreios, além da ebulição de toda e qualquer reivindicação têm aí o seu tempo e lugar. Os manifestantes atuam enquanto sujeito

coletivo regidos por uma intransitividade dos destinadores que dirigem a PUC-SP, divididos entre Reitoria e sua Mantenedora, e fazem esses saberes de modo explícito que o alunado têm o poder além do saber para reivindicar condições ambientais condizentes com os custos da instituição de ensino. Ao quebrar e romper as convenções do modo do vestir universitário, esse sujeito coletivo cria uma descontinuidade na vida universitária, para aqueles que presenciam serem afetados e dêem a sua adesão à manifestação. Ainda, o modo plástico e estésico da construção reivindicatória faz com que essa saia da universidade e seja captada pelas mídias e redes sociais.

A actorialização presente no ato acontece no âmbito da proximidade, da intimidade, do eu/tu interagindo diretamente com o público que circula pelo *campus*. A espacialidade também é próxima, no aqui, do *locus* da prainha, que foi escolhido criteriosamente por ser o de mais intensa circulação devido à ligação entre as edificações do *campus*, que é também uma área em que se concentram Centros Acadêmicos dos estudantes com lanchonetes, papelaria e fotocopiadoras sob a administração destes. Ainda há a escolha metafórica desse lugar que qualifica esse ser chamado de Prainha, que é ser essa o espaço físico de uma manifestação ocorrida nos tempos de ditadura onde uma praia foi simulada no local com despejo de areia, guarda-sóis e também alunos com trajes de praia, em um deslocamento de transgressão. O fato da Prainha da PUC-SP ser um espaço estreito e encontrar-se entre os dois prédios principais da universidade onde acontecem as aulas, tem ainda mais um fator espacial importante. Pelo espaço físico os corredores do prédio mais recente (oficialmente denominado Prédio Reitor Bandeira de Mello, mas comumente chamado de Prédio Novo) assumem um papel de arquibancadas, como nos moldes do Teatro Oficina. Assim tem-se a temática do nome do espaço retomada, reiterada e ressignificada com a manifestação reivindicatória da ditadura da atualidade. Isso aponta que o poder militar não é uma ameaça que está mais fora da universidade e a invade, mas esse se transformou e está nas suas entranhas estruturais. A temporalidade é do agora, diferentemente do que seria, por exemplo no caso de um abaixo-assinado para melhores condições de infra-estrutura, o que traz uma urgência para os pedidos. A aspectualização da manifestação é do tipo durativo que tem a sua sequencialidade processada a partir dos meios de parar a circulação geral da Universidade. O estratagema da enunciação que configura o enunciado objetiva os alunos se fazem ser ouvidos.

Os alunos, em sua maioria jovens e brancos, portam vestes de praias, as mulheres vestem biquínis coloridos ou *tops* com *shorts*, os rapazes usam sungas ou *shorts*, alguns trazem o tom irônico com óculos de natação na testa e portam toucas, com destaque para um rapaz que usa *top* de biquíni estendido em uma toalha no chão como se quisesse bronzear as costas. A maioria está de chinelo e os manifestantes se acomodam languidamente uns ao lado dos outros nas escadas de circulação tomando sol alguns se abanando com leques, num dia em que o calor chegava a quase 40 graus em São Paulo. Ao fundo o som toca música como se de fato

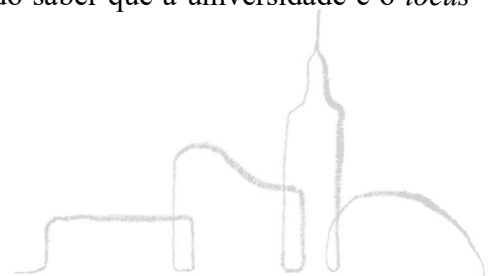


estivessem em uma praia. Há pequenos cartazes segurados por essas pessoas com as reivindicações e mesmo um *QR code* o que incita o que observa a saber mais usando o seu celular e assim passar de testemunha a um modo mais atuante de participar.

Plasticamente no plano da expressão há o formante matérico constituído pela materialidade da pele dos corpos semidesnudos e pelos materiais das vestimentas que se modelam a esses corpos. O formante eidético é mostrado pelas curvas dos corpos que aparecem semideitados. O cromático é dado pelos tons de pele, pelas cores dos cabelos e pelas cores das vestimentas e acessórios coloridos do verão. O formante rítmico se dá pela distribuição dos alunos na topologia da prainha onde eles se postam lado a lado em posições similares e pelo compassado abanar constante dos leques mostra-se que o estar em banho de sol não é um posicionar-se para estar inquieto pelo saber que instiga e envolve o movimento do pensamento nas salas de aula. Por último, entra na articulação dos feixes de formantes da manifestação o formante estésico que é sentido pelo calor proclamado nas salas de aula que faz com que essas se tornem não salas de construção do saber mais de curtição do calor e instauram a sensação de languidez dos corpos que tomam sol no ambiente da PUC-SP. Em feixes de articulação dos formantes que se combinam nas figuras da expressão que se reiteram é que se constitui a categoria da expressão horizontalidade vs. verticalidade que traduz no plano do conteúdo uma figuratividade de exposição dos corpos alongados a céu aberto nos degraus, com vestimentas e acessórios praianos coloridos, de estar descontraídos e relaxados, que homologa no plano do conteúdo a categoria da descontração, do relaxamento que se opõe à de rigidez.

No plano do conteúdo, vestimentas e elementos presentes em um desfrute da praia trazem a figuratividade do ambiente beira-mar onde paradoxalmente só há concreto. A ironia é reiterada com a transgressão de vestimenta por gênero e itens de natação. A categoria que aparece recobrando a anterior é a da contravenção, feita com irônia, que se opõe à categoria de convenção, da regulação.

Na relação da roupa que veste o corpo e do corpo que veste a roupa há o movimento dos corpos montados em uma sintaxe que trazem pelo vestir-se com poucas roupas que mais ressaltam as anatomias corpóreas que mostradas insinuam no contexto universitário o despido, o lúdico. A quebra das práticas vestimentares produz um efeito de sentido de ironia e expressa, no confronto entre identidades, essa alteridade de sujeito praiano que não abarca sujeitos que estão estudando, sujeitos que vão às aulas em busca do saber que a universidade é o *locus* privilegiado em nossa sociedade.



O nível narrativo é marcado pelo enfrentamento dos sujeitos alunos manifestantes, frequentadores do *campus*, e a Instituição. Pela análise dos regimes de interação e de sentido da sociossemiótica é possível identificar a presença tanto dos regimes de junção quanto de união nesta manifestação reivindicatória. O protesto é todo organizado pelo Regime da Programação, pela regularidade, com a articulação dos Centros Acadêmicos entre si. Trata-se de uma operação programada com local, horário e data para acontecer, onde será executada a performance programada visando a atenção da instituição.

Porém, para esse programa ser posto em ação ele é antes elaborado pelo Regime da Manipulação ou da Estratégia que rege essa narratividade e atua por meio do princípio da intencionalidade. O local escolhido para a manifestação foi cuidadosamente escalado: a conhecida *Prainha* é uma área de alta visibilidade e circulação fundamental dentro do *campus* Monte Alegre, onde o nome já leva à memória da transgressão no espaço durante a ditadura, como apresentado anteriormente. Nesse espaço físico programado para certas atividades o sentido faz-se pelas práticas de vida universitária, que podem ir além dos usos funcionais ou dos usos simbólicos e chegar à descoberta de novas formas de uso, pelas suas potencialidades, propriedades e qualidades sensíveis particulares que a estesia do local emana.

Pelo despir das roupas, utilizando-se de trajes mínimos pelo calor e com o gestual relaxado de praia, chama-se a atenção de quem está passando, sendo reiterado pelas músicas e pelo discurso falado que tira a concentração de quem pode se encontrar nas salas de aula, assim a manifestação da reivindicação é construída por um sincretismo de linguagens. Neste regime, intenciona-se que os sujeitos alunos protestantes façam o sujeito instituição fazer climatizar as salas de aula que é o objeto de valor intencionado por meio de uma estratégia de provocação de forma disfórica.

O Regime do Ajustamento também está presente no ato e é fundado na sensibilidade, onde há o risco de haver ou não a sensibilização dos demais alunos, docentes, funcionários na reivindicação. Na incerteza do sucesso da manifestação, os alunos protestantes se põem a performar a cena de praia e ganham a atenção e apoio dos frequentadores do *campus* num fazer junto, na lógica da união.

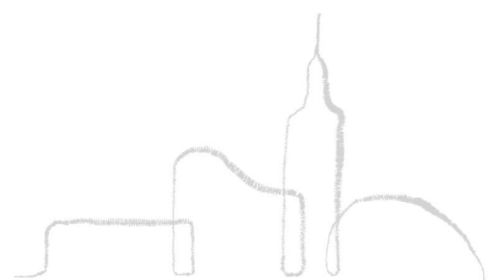


Figura 3: Vista da edificação do Prédio Reitor Bandeira de Mello que abriga a maioria das salas de aula. Percebe-se por essa imagem o contágio e a adesão dos alunos à manifestação intencionada. Os corredores abertos fazem a ligação do prédio com o que acontece na área de circulação, podendo-se observar grande presença de pessoas aderindo ao movimento por gestos e expressões eufóricas das faces. A parede colorida grafitada indica a forte identidade dos alunos com o espaço, e nos mostra nos balcões do público do térreo aos andares superiores que a manifestação repercute a sua voz junto a essas outras vozes de luta.



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/03/20/estudantes-da-puc-sp-fazem-biquinaco-contr-a-falta-de-ar-condicionado-nas-salas-de-aula.ghtml>. Acessado em 20/08/2024.

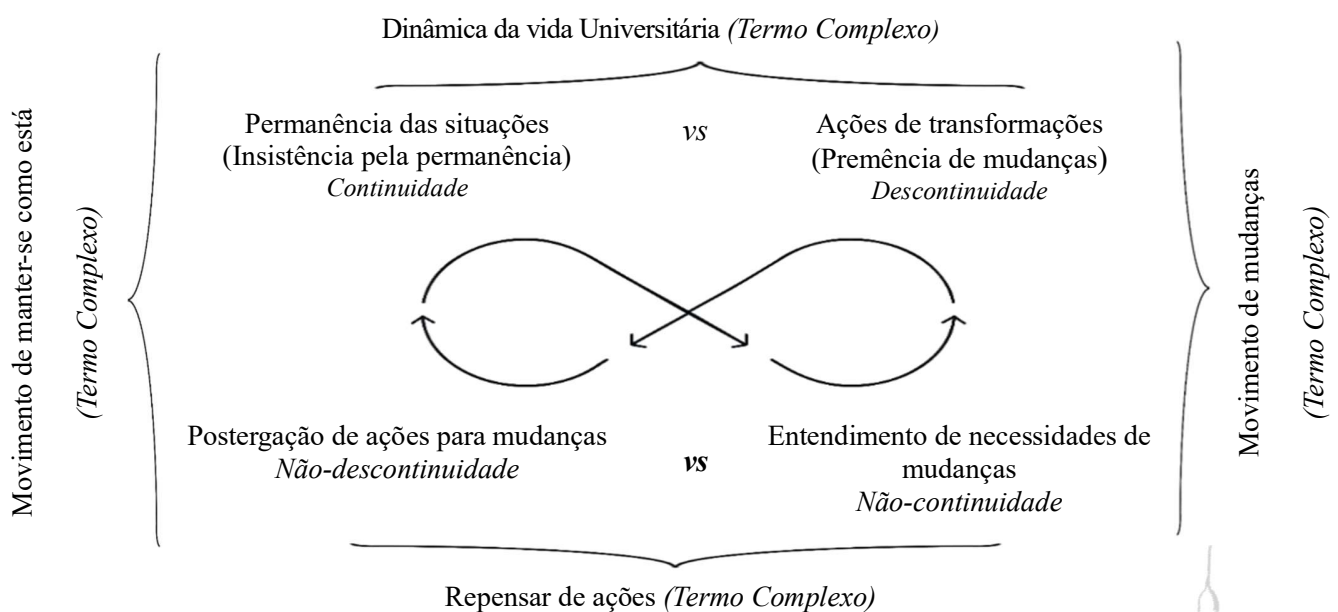
Estes corpos quase desnudos e portando-se de forma irreverente se lançam por esse modo de interagir e produzir sentido no risco da imprevisibilidade do Regime do Acidente, em que poderiam ser veementemente repreendidos pela instituição, mas também o de ser amplamente midiaticizados pelos principais meios de comunicação, como foi o caso, que aplacaria a punição e ganharia a repercussão da luta.

As altas temperaturas atingem a população como um todo tanto na capital São Paulo, como no Brasil, produzindo sensação de desconforto generalizado. Não só, mas aproveitando-se disso, é que o tema da reivindicação ganhou uma ampla divulgação. Ao trazer a questão climática externa para a Universidade e levar para fora dos portões uma questão interna referente à climatização das salas de aula, os alunos conseguiram colocar em zona de alerta e atenção máxima a ruptura que proclamaram para além da Instituição em si que, ao

atingir a mídia externa alcança seu objetivo e mais, ganha uma força reivindicatória que atua coercitivamente contra a Instituição.

No Nível Fundamental são reveladas as axiologias que fundamentam as ações dos manifestantes, ou seja, os valores que circulam no discurso. Numa situação de protesto, o fazer ser ouvido pelas reivindicações é central, pois outras tratativas são realizadas antes de um protesto através dos sistemas convencionais de comunicação institucional como recorrência à Ouvidoria, Abaixo-assinados etc. Dessa forma, temos a oposição de base de ações de transformações: o protesto enquanto premência necessária de mudança *versus* a permanência das situações existentes, onde não há um investimento em climatização das salas feito pela Instituição. Como termos subcontrários há o entendimento de necessidades de mudanças, mas que ainda não se concretizam enquanto ações, que se opõe à postergação de ações para que tais mudanças ocorram. Como termos complexos à oposição de base há um posicionamento político definido por ambos os lados da relação. E como termo complexo dos subcontrários já há um repensar de ações que trazem uma dinâmica no processo. Entre o entendimento de necessidades de mudanças e a real tomada de ações, o termo complexo se faz pelo movimento de descontinuidade pela vontade de mudança. Já o termo complexo na permanência e postergação de mudanças é dado pela continuidade, de manter-se como está atualmente.

Figura 4: Construção do quadrado semiótico elíptico conforme construção de Landowski para os posicionamentos e valores em circulação na universidade.



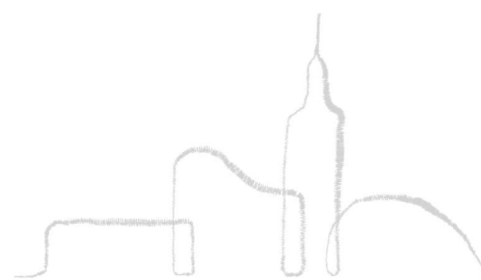
Fonte: Quadrado elíptico desenvolvido pelas autoras.

Considerações Finais

Abordamos no estudo o advir de um novo sentido que surge quando, em meio a um dia de aulas na cidade mais rica do país, alunos se travestem de forma lúdica e reivindicatória com trajes de banho e tomam sol abanando-se para protestar contra as condições de salas de aula sem ar condicionado em meio a um intenso período de calor vivido no país. O ato transpõe os portões universitários e é noticiado nas mídias. Nosso interesse foi o de mostrar como o corpo vestido no biquinho de modo inadequado ao contexto universitário concentra a estratégia manipulatória da reivindicação buscada e como essa contágia a comunidade.

O corpo vestido segue as codificações do lugar e do fazer impostos pelo social e, assim, os trajes praianos portados na centralidade da PUC-SP fazem tanto os demais estudantes entrarem no protesto reivindicatório, que não podem não ver, na medida em que esse intercepta os seus passos nos deslocamentos pelo território e promove tanto uma adesão contratual à causa, quanto no encontro com essa reivindicação um sentir com os seus sentidos que desencadeia um estar em solidariedade com a causa. Dois modos de levar à adesão estão postos em cena, um centrado no fazer viver a absurdidade de estar na universidade como na praia o que inviabiliza as condições de estudo ativo e o outro que faz compreender e se por a refletir racionalmente sobre os investimentos da PUC-SP no seu espaço físico para atender os seus alunos pagantes e oferecer-lhe condições adequadas para o estudo.

Vestir o corpo é, pois, um ato antes de tudo de posicionamento do sujeito no mundo, um ato político, que atua nos corpos dos demais fazendo-os sentir e mesmo fazendo-os fazer ações. Da apreensão sensível à reflexão inteligível, a análise semiótica do ato reivindicatório dos corpos vestidos mostrou os mecanismos usados para alcançar a transgressão das normas e práticas sociais e agregar força a essa manifestação política. No palco reivindicatório da prainha, as vozes contra a ditadura militar ecoam e fazem emergir as marcas do que nela está inscrito e essa memória transgressora qualifica a voz do hoje.



Referências

CASTILHO, K.; MARTINS, M. M. **Produção de sentidos na relação sujeito-corpo-roupa**. In: *Semiótica nas Práticas Sociais: Comunicação, Artes, Educação/ orgs.* Yvana Fechine et al, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

FLOCH, J. M. **La iconicidad: exposicion de uma enunciación manipulatoria: Análisis semiótica de uma fotografia de Robert Doisneau**. In: *Figuras y Estrategias: En torno a uma semiótica de lo visual*. Trad. Gabriel Hernández Aguilar. Siglo Veintiuno Editores, Mexico, D.F., 1994.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et alii. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição**. Pref. e Trad; Ana Claudia de Oliveira, apres. de Paolo Fabbri, Raul Dorra, Eric Landowski. São Paulo, Hacker Editores, 2002.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Trad. Luisa Helena Oliveira da Silva. São Paulo. Estação das Letras e Cores. Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

_____, E. **Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica**. Trad. Mary Amazonas. São Paulo: Perspectiva, 2012.

OLIVEIRA, A. C. de. **Corpo vestido no social**. Contribuições da semiótica para o estudo da aparência e da identidade. *Revista dObras[s]*. n.31, 2021. Acessível em <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1282>

_____, A. C. de. **Corpo, roupa nas inter-relações semióticas da comunicação**. *Revista dObras[s]*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, n.31, v.3, pp.58-72, Jun/2009.

_____, A. C. de. **Corpo e roupa nos discursos de aparência**. In: ANAIS DO 16º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. 2007, Curitiba. Acessível em <https://proceedings.science/compos/compos-2007/trabalhos/corpo-e-roupa-nos-discursos-da-aparencia?lang=pt-br>

